

Economistas apontam riscos

Rio - O presidente do Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro (IERJ), João Paulo de Almeida Magalhães, disse que a extensão das repercussões das medidas anunciadas ontem pelo governo da Rússia dependerá de três fatores: o posicionamento do G-7, o comportamento da Bolsa de Nova Iorque e os efeitos das medidas sobre os mercados asiáticos. "Visto de um ângulo geral, a situação é de total imprevisibilidade", afirmou.

Ele disse que o fato de as reservas brasileiras estarem em bom nível (cerca de R\$ 70 bilhões, sem considerar os recursos da privatização da Telebrás) deixa o Governo brasileiro com

alguma margem de segurança.

O grande problema do Brasil não é a Rússia, mas sim o Japão. A opinião é de Carlos Alberto de Carvalho Afonso, assistente da diretoria financeira da Eletrobrás. Ele acha que a hora em que o Japão decidir fazer um programa de socorro aos bancos, a exemplo do Proer brasileiro, o governo terá de fazer dinheiro e uma das possibilidades consistirá em vender parte dos 30% em títulos americanos que o país detém. "Com isso, o governo americano terá de elevar os juros para poder captar, o que tornará mais difícil a captação dos países emergentes e, ao mesmo tempo, elevará brutalmente suas dívidas", disse ele.